


**“Mulheres públicas”:** *a construção de redes de sociabilidade intelectual feminina no mundo hispano-americano (1880-1920)*

**“Public women”:** *The construction of female intellectual sociability networks in the hispano-american world (1880-1920)*



CARNEIRO, Thaís Mendes Moura\*

 <https://orcid.org/0000-0003-2518-1306>

**RESUMO:** A investigação proposta neste artigo centra-se na análise da construção de trajetórias e redes de sociabilidade intelectual feminina no mundo hispano-americano, entre fins do século XIX e início do século XX. Para tanto, concentramos nos estudos das relações estabelecidas entre mulheres a partir da trajetória das peruanas Clorinda Matto de Turner e Aurora Cáceres, exiladas políticas em Buenos Aires, por ocasião da deposição do presidente peruano Andrés Avelino Cáceres. O golpe militar provocou uma perseguição política à família de Cáceres, incluindo sua filha Aurora, e a amigos e aliados políticos, como foi o caso de Matto de Turner, que teve sua editora incendiada, em Lima. Partimos das seguintes fontes para a investigação de redes de sociabilidade intelectual feminina: o álbum de amizade, produzido por Aurora Cáceres, entre 1890 e 1920, e o discurso *Las obreras del pensamiento de la América del Sur* proferido por Clorinda Matto de Turner no Ateneo de Buenos Aires, em 1895, e publicado no ano seguinte em seu periódico *Búcaro Americano*. Valemo-nos do aporte teórico da História Intelectual e da História Social das Mulheres para compreender as discussões estabelecidas por essas literatas.

**ABSTRACT:** The research proposed in this article focuses on the analysis of the construction of trajectories and networks of feminine intellectual sociability in the Hispanic-American world, from the late 19th to the early 20th century. For this, we focus our studies on the relationships established among women from the trajectory of the Peruvian Clorinda Matto de Turner and Aurora Cáceres, political exiles in Buenos Aires, on the occasion of the deposition of the Peruvian president Andrés Avelino Cáceres. The military coup provoked political persecution of the Cáceres family, including his daughter Aurora, and of friends and political allies, such as Matto de Turner, whose publishing house was set on fire in Lima. We took as sources for the investigation of feminine intellectual sociability networks: the friendship album, produced by Aurora Cáceres, between 1890 and 1920, and the speech “*Las obreras del Pensamiento de la América del Sur*” delivered by Clorinda Matto de Turner at the Ateneo de Buenos Aires, in 1895, and published the following year in his newspaper *Búcaro Americano*. We take advantage of the theoretical contribution of Intellectual History and Social History of Women to understand the discussions established by these literary figures.

**PALAVRAS-CHAVE:** História das Relações de Gênero; História Intelectual; escritas de si.

**KEYWORDS:** History of Gender Relations; Intellectual History; written by himself.

\* Mestra em História Social pela USP, São Paulo, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social pela USP, São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco. Bolsista CAPES. Criadora do projeto Mulheres Viajantes. E-mail: [thais.carneiro@usp.br](mailto:thais.carneiro@usp.br)



## Introdução

*No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues.*  
(Perrot, 1989, p. 9)

De acordo com Michelle Perrot, o papel da palavra é ser uma arma poderosa de resistência. Desta forma, a oralidade e a escrita, como via de transmissão de saberes, se constituíram conforme a possibilidade de existência de redes de sociabilidade e oposição à ordem masculina. Nesse sentido, as mulheres enfrentaram a interdição do acesso à escrita e aos espaços públicos (Perrot, 2012).

A ideia de ser mulher foi esmiuçada pelas representações científicas<sup>1</sup>. À mulher burguesa, tida como passional, instável e frágil, foi negada a livre circulação no espaço público, consoante com o que já ocorreu anteriormente com as suas ancestrais. A “mulher pública” representava um perigo para si e a sociedade em que vivia (Perrot, 1998). A ela fez falta *um teto* (Woolf, 1985)<sup>2</sup>. A historiadora francesa Michelle Perrot, ao lançar olhar sobre essas mulheres, conceitua:

Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz a ‘rapariga’ – pública é uma ‘criatura’, mulher comum que pertence a todos. [...] A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria (Perrot, 1998, p. 7).

Tomada como território de passagem, a “mulher pública” assume a desordem do espaço masculino, em que tudo é próprio desse gênero e sob a qual ela se torna “um vil objeto”, destituído de identidade e entendida tal qual um ser que não carece de respeito. Às mulheres eram relegados apenas determinados lugares de sociabilidade na cidade. Se àquelas das camadas populares, a rua, o mercado e a lavanderia eram espaços próprios, às burguesas concedia-se a ocupação das igrejas, dos salões de chá e das grandes magazines, o

---

<sup>1</sup> Roger Chartier destaca que o conceito de “representação” tem duas definições que aparentemente são contraditórias. Por um lado, a representação faz emergir uma ausência, diferenciando o que representa e o que é representado. De outro, apresenta uma presença, seja de algo ou de uma pessoa (Chartier, 1995).

<sup>2</sup> A referência à obra “Um teto todo seu” de Virgínia Woolf alinha-se com a crítica proposta pela autora da ausência de espaços físicos e culturais para que uma escritora desenvolva o seu trabalho, sendo legitimada por ele.

que lhes rendeu a alcunha de “*demoiselles de magasins*”<sup>3</sup>, em livre tradução, damas das magazines; em um contexto em que as compras se tornaram um espaço de lazer para as mulheres burguesas.

Porém, temos exemplos de *sujeitas históricas*<sup>4</sup> que, por uma série de questões, puderam negociar a sua atuação em espaços de sociabilidade considerados masculinos, tal qual a produção literária. A colombiana Soledad Acosta de Samper, a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, as peruanas Aurora Cáceres e Clorinda Matto de Turner, a brasileira Nísia Floresta, as espanholas Emilia Pardo Bazán, Baronesa de Wilson e Concepción Gimeno de Fláquer são exemplos dessa inserção social com trajetórias públicas retratadas na História como personagens excepcionais e pioneiras<sup>5</sup>.

O presente artigo expõe resultados preliminares de uma pesquisa de doutoramento e lança olhar sobre o perigo do uso do conceito de excepcionalidade para explicar e justificar a jornada dessas mulheres. Além disso, nos propomos a discutir o uso do conceito de “mulheres públicas”, da historiadora Michelle Perrot, à luz da construção de redes de sociabilidade intelectual feminina, partindo da premissa de Jean-François Sirinelli, tendo a título de fontes: o *álbum de amistad*, produzido pela peruana Aurora Cáceres, uma ferramenta que estabelece diálogo com os relatos de viagem,<sup>6</sup> e o discurso *Las obreras del pensamiento de la América del Sur*, proferido por Clorinda Matto de Turner, em 1895, no

---

<sup>3</sup> Os espaços citados concedidos às mulheres burguesas apontam para uma feminização, pois Michelle Perrot argumenta sobre a baixa presença de homens nos salões de chás, locais em que se encontravam diversas mulheres, comumente advindas de um momento de compras nas magazines. Se, primordialmente, o hábito de comprar nas magazines lhes rendeu a alcunha de “*demoiselles des magasins*”, a expressão tomou outro significado posteriormente, referindo-se às vendedoras desses espaços. Os salões de chá tornaram-se importante espaço de sociabilidade para mulheres, onde houve também o desenvolvimento de discussões sobre os direitos das mulheres.

<sup>4</sup> Optou-se por utilizar o termo *sujeitas históricas* a fim de questionar o uso do gênero masculino com o intuito de universal e demarcar uma perspectiva política feminista desta pesquisa.

<sup>5</sup> A ideia de excepcionalidade e originalidade provém de determinados feitos realizados por essas literatas, tal qual a trajetória da peruana Clorinda Matto de Turner, que lhe permitiu ser a primeira membro do Ateneo de Buenos Aires e também a primeira a palestrar nesta instituição, em 1895. No caso da peruana Aurora Cáceres, a sua jornada na Sorbonne na qualidade de a primeira falante de espanhol a palestrar na universidade, tendo discutido sua tese “Feminismo em Berlim”, em 1905. Já a biografia da colombiana Soledad Acosta de Samper, nos permite compreender uma consagração pelos seus pares à medida que é convidada pelos reis espanhóis a participar das comemorações do IV Centenário de Conquista da América na condição de delegada da Colômbia, bem como o convite a ser membro da Academia de História de Caracas, na Venezuela. Já no caso da argentina Juana Manuela Gorriti, sua vida enquanto literata se entrelaçou com a sua consagração de anfitriã ao receber diversas personalidades, entre políticos e escritores, em seus salões literários.

<sup>6</sup> Instrumento que ganha popularidade em fins do século XIX e é um valioso elemento de análise da cultura visual, diante do desenvolvimento da fotografia e de publicações ilustradas. Os registros sobre sua existência e relevância atingem um público feminino maior, em que destacamos os latino-americanos: Agripina Samper, Lastenia Soffia, María Gregoria de Haro e José María Samper. Os registros contidos nos auxiliam a compreender o estabelecimento de relações sociais de cunho literário, afetivo e político.

Ateneo de Buenos Aires, e publicado em 1896, no periódico *Búcaro Americano*<sup>7</sup>, dirigido por ela.

Essas produções desempenharam um papel importante na construção dessa rede, além de ajudarem a dar visibilidade e a divulgar o trabalho intelectual de outras mulheres que eram associadas a essa mesma rede. Essas mulheres em trânsito, por mais que esquecidas pela historiografia, deixaram rastros, indícios, por meio dos quais é possível identificar a produção de narrativas sobre si e sobre os espaços em que puderam se inserir, como os salões literários e ateneus (Ginzburg, 1990).

Na Europa Ocidental do século XIX, se produziu uma nova rede de relações, em que houve o choque dos âmbitos doméstico e público. Os salões e ateneus se configuraram enquanto espaços de sociabilidade masculinas, por meio da comunicação literária. Porém, diante de determinadas transformações que fragilizaram certos paradigmas, houve uma inserção das mulheres no espaço público, por mais que elas tenham sido relegadas ao mundo associativo da caridade e da beneficência.

Os laços transnacionais se dariam por meio de múltiplos canais, tal qual a imprensa periódica, dos ateneus e dos salões literários. Estes se caracterizaram pela conversação entre homens e mulheres da alta sociedade, como ocorreu no caso das *veladas*<sup>8</sup> empreendidas pela escritora argentina Juana Manuela Gorriti, em Lima, pela publicista espanhola Emilia Pardo Bazán, em Madri, e pela literata colombiana Soledad Acosta de Samper, em Bogotá. Tratou-se de um espaço de encontro entre literatos e políticos, em que o ver e ser visto tinham grande relevância para compreender as negociações sociais. Como colocou Jean-François Sirinelli,

[...] as estruturas de sociabilidade veriam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os 'salões', na fronteira entre os dois séculos constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade (Sirinelli, 2003, p. 249).

---

<sup>7</sup> O periódico *Búcaro Americano*; *periódico de las familias* (1896 -) foi criado e dirigido pela peruana Clorinda Matto de Turner, durante o seu exílio em Buenos Aires. Com a proposta de aproximar-se do seio familiar, o periódico dialogava diretamente com as mulheres e valeu-se de um corpo editorial feminino. Tendo como diretrizes a defesa do direito à educação para as meninas e a emancipação das mulheres na sociedade moderna em prol do progresso da nação, contou com a colaboração de escritoras como Aurora Cáceres.

<sup>8</sup> As *veladas literarias*, comumente associadas à argentina Juana Manuela Gorriti, eram encontros entre literatos realizados à luz de velas. Tais momentos envolviam uma perspectiva de trabalho conjunto pela literatura, em que compartilhavam seus manuscritos e declamavam suas últimas produções e, em alguns momentos, o humor se fazia presente por meio dessas criações.

Ao aventar a complexidade de interpretação que a sociabilidade exige, Sirinelli aponta a importância de situarmos historicamente essas relações para compreendermos as formas de manifestação que as redes de sociabilidade adquiriram, a ver o caso dos salões literários, que se destacaram em fins do século XIX e início do século XX como espaços de fortalecimento dos laços entre literatos. Sendo assim, compreender as redes de sociabilidade traz certa dificuldade, de acordo com Sirinelli, ao partir da premissa de que se trata de uma

[...] organização de grupo de intelectuais, uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (Sirinelli, 2003, p. 248).

Partimos da premissa do historiador francês de que as estruturas das redes de sociabilidade não devem ser subestimadas, já que a partir delas podemos, enquanto historiadores, analisar indícios do contexto em que estão inseridas. A hibridez desse campo aberto que articula história política, social e cultural torna difusas as fronteiras dessa categoria de análise. Cabe a nós, nesta pesquisa, apontarmos as fronteiras desse aporte teórico-metodológico e articulá-lo com outras ferramentas que deem mais corpo para a nossa perspectiva analítica.

Os salões e os ateneus podem ser compreendidos, por conseguinte, tanto quanto um espaço de desenvolvimento de conexões e admirações, em que se firmaram pactos e alianças. Estendendo-nos sobre a argumentação de Sirinelli (2003) e arriscamo-nos a colocar os “salões” enquanto um espaço de *performance*<sup>9</sup> para esses intelectuais. Assim sendo, espaços onde eles se situam no mundo para com os seus pares. Por outro lado, o ateneu foi um espaço em que homens e mulheres se encontravam com o objetivo de transmitir conhecimentos. Com maiores limitações para as mulheres do que os salões, os ateneus eram, ainda assim, espaços de atuação para elas, uma vez que as escritoras se encontravam

---

<sup>9</sup> O conceito é entendido a partir das reflexões empreendidas por Paul Zumthor, para pensar de que modo o corpo e a presença desempenham importante papel na relação com a leitura e a recepção. De acordo com Zumthor. “As regras da performance – com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público – importam para comunicação tanto ou ainda mais do que as regras textuais postas na obra na sequência das frases: destas, elas engendram o contexto real e determinam finalmente o alcance” (Zumthor, 2012, p. 30).

no mesmo grupo frequentado por homens, reconhecendo-se como parte deste. Tratou-se de um espaço intelectualizado de produção de saberes. Apenas em 1905, houve a entrada de uma sócia no ateneu espanhol, Emilia Pardo Bazán. Até então, as mulheres apenas participavam na condição de acompanhantes, esposas de alguém (Rodríguez Pequeño, 2014).

De acordo com as historiadoras Cristiane Ribeiro e Stella Ferreira, apesar da inserção social dessas escritoras e literatas, fortaleceu-se a perspectiva desses “*hombres de letras*” enquanto mentores, que tomariam uma atitude condescendente ao “propiciarem condições adequadas para que as faculdades intelectuais dessas mulheres florescessem” (Ferreira; Ribeiro, 2021, p. 239).

A presença dessas literatas e escritoras em espaços tidos como masculinos envolvia um jogo de negociação delicado, conforme narrou a colombiana Soledad Acosta de Samper em sua obra *Viaje a España en 1892*. Destacamos dois episódios narrados pela escritora, quando compareceu a um jantar à casa do primeiro-ministro Cánovas del Castillo e a um salão literário à casa da escritora espanhola Emilia Pardo Bazán, onde os participantes eram, majoritariamente, literatos acompanhados por suas esposas. Ao frisar o fato de que ela e sua filha Blanca Leonor estavam entre as poucas mulheres presentes, a escritora construiu a narrativa de que foi escolhida pelos seus pares para vivenciar aquela experiência, seja por Cánovas del Castillo ou por Pardo Bazán, mas ressoa uma perspectiva de um acordo tácito que lhe permite ocupar esse espaço (Acosta de Samper, 1893). Nesse sentido, partimos da reflexão de Sandra Harding, que pontua que, apesar dos espaços controlados e concedidos a essas mulheres, essas não seriam vistas tal qual “sujeitos, jamais poderiam ser mentes reflexivas e universalizantes”, visto que tais habilidades eram atribuídas aos homens, entendidos como produtores de conhecimento (Harding, 2019, p. 104). Assim, a trajetória de Acosta de Samper soa excepcional, a partir desses códigos de identificação e de negociação de espaços sociais, permeados pelos critérios de gênero (Carneiro, 2022).

Tendo em vista a ocupação dos espaços permeados por distintos gêneros e a compreensão de suas funções sociais, temos a perspectiva dos salões literários enquanto espaços comuns a ambos, que, ao se desenvolverem na Europa Ocidental, encontram eco em território latino-americano. Sobre o desenvolvimento desses salões, Alexandra Tedesco (2020) discute o apego da classe letrada argentina à concepção de mundo da *belle époque* francesa. Nesse sentido, apresenta o caso de Delfina Bunge, alfabetizada em francês, que

confessa que a sua forma de pensar é na língua estrangeira, tendo que traduzir seus próprios pensamentos para o espanhol. A reflexão de Bunge nos interessa menos sobre a veracidade da informação, mas sobre o significado político e simbólico dessa perspectiva, dissociando-se da tradição espanhola e afirmando a França na qualidade de referência cultural.

[...] a Buenos Aires que se moderniza na virada do século chegou a ser considerada, como é sabido, a Paris americana [...] Protagonistas dessa mimese, as famílias mais abastadas e tradicionais, com grandes volumes de capital cultural, se empenharam em atualizar os círculos letrados de Buenos Aires nesse território (Tedesco, 2020, p. 5).

Tais perspectivas refletem as disputas de narrativas nesses espaços de encontros, os salões literários e os ateneus. Uma das formas de lidar com as tensões provocadas nesses espaços foi a notável organização dessas mulheres para que conquistassem a autonomia intelectual, por meio da configuração de sociabilidades. A emergência da cultura impressa permitiu a profissionalização dessas mulheres, que encontraram nos periódicos um modo de se expressarem publicamente, colocando-as como capacitadas de criação intelectual e discussão de suas inconformidades (Alvarado, 1999). Isso posto, as redes de sociabilidades atuaram enquanto um suporte importantíssimo para incentivá-las a continuarem a ocupar o espaço público por meio de suas produções. Vanesa Miseres pontuou que a concepção de rede se referencia “tanto a un modelo de análisis que descubre hechos y artefactos relegados del plano cultural y de la historia como a las conexiones entre individuos que se realizan por fuera de los binarismos (masculino/femenino, público/privado) y de las fronteras lingüísticas y nacionales”. (Miseres, 2018, p. 10).

### **“Mulheres públicas”: o exílio vivido pelas peruanas Clorinda Matto de Turner e Aurora Zoila Cáceres**

O século XIX foi permeado por discussões sobre a emergência das ciências e suas configurações, também da construção de deturpações científicas, exemplificadas pela afirmação da histeria como uma patologia feminina. Em meio a esse contexto histórico-social, discutiu-se o papel das mulheres no mundo ocidental, diante da construção do movimento feminista, celebrado inicialmente pelas sufragistas.

O desconforto da mulher burguesa perante o ostracismo vivido reverberou em

personagens tais quais *Madame Bovary*, da obra homônima de Gustave Flaubert, e Luísa, na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. O não dito e o interdito sufocaram o espaço da alcova e a essas mulheres foi cerceado o direito da escrita. Suas palavras foram queimadas em prol da harmonia conjugal e, conforme Perrot, o hábito dos diários de juventude foi abandonado. Os segredos não eram permitidos (Perrot, 1989).

Porém, ainda diante dessas interdições algumas mulheres construíram suas trajetórias enquanto “mulheres públicas” e nos detemos sobre o encontro literário entre as peruanas Aurora Zoila Cáceres e Clorinda Matto de Turner, exiladas na capital argentina. A relação entre essas escritoras nos é cara e parte da colocação de que Cáceres considerou a sua conterrânea como mentora intelectual.

Aurora Cáceres deu vazão à sua trajetória literária em Buenos Aires, em meio ao exílio político sofrido por sua família por conta do golpe de Nicolás de Piérola no terceiro mandato presidencial de seu pai, o general Andrés Avelino Cáceres (1836-1923), em 1895<sup>5</sup>. Além da Argentina, Cáceres viveu na França, Itália e Alemanha, tendo a oportunidade de colaborar com periódicos europeus e produzir crônicas de viagem. Chamada de “*una mujer del mundo*”, a escritora registrou suas impressões como viajante em duas obras: “*Oasis de Arte*” (1912), contando as suas impressões sobre a Suíça, Itália, França, Inglaterra, Bélgica, Peru e Alemanha; e o seu encantamento com Cuzco, em “*La Ciudad del Sol*” (1927). Preocupou-se com a defesa dos direitos das mulheres, em um contexto de formação do movimento feminista. A escritora fundou o *Centro Social de Señoritas* (1905), sociedade cultural de cunho educativo para mulheres pobres, que se tornou a organização *Feminismo Peruano* (1924), centrada na reivindicação do direito de cidadania por meio do voto. Muitas análises sobre Aurora Cáceres restringiram a sua trajetória às relações com o pai, o general Andrés Avelino Cáceres, e com o escritor Enríquez Gomez Carrillo, que foi seu marido por apenas sete meses, durante o ano de 1906. A sua experiência como mulher solteira e, posteriormente, divorciada, gerou incômodos na sociedade, pertinentes a ponto de a escritora publicar o livro *Mi vida con Enrique Gómez Carrillo* (1929). Aurora Cáceres fez parte da construção de uma rede de sociabilidade feminina durante o seu exílio na Argentina, por meio do contato com aquelas que considerou, posteriormente, suas mentoras: sendo uma delas, a compatriota Clorinda Matto de Turner. Clorinda também teve de exilar-se devido às perseguições políticas, diante da sua proximidade com o presidente deposto, Andrés Cáceres. Outra situação que motivou o seu exílio foi o



ataque empreendido contra a sua casa, seus manuscritos e a sua editora *la Imprenta Equitativa*, em Lima, em 1895.

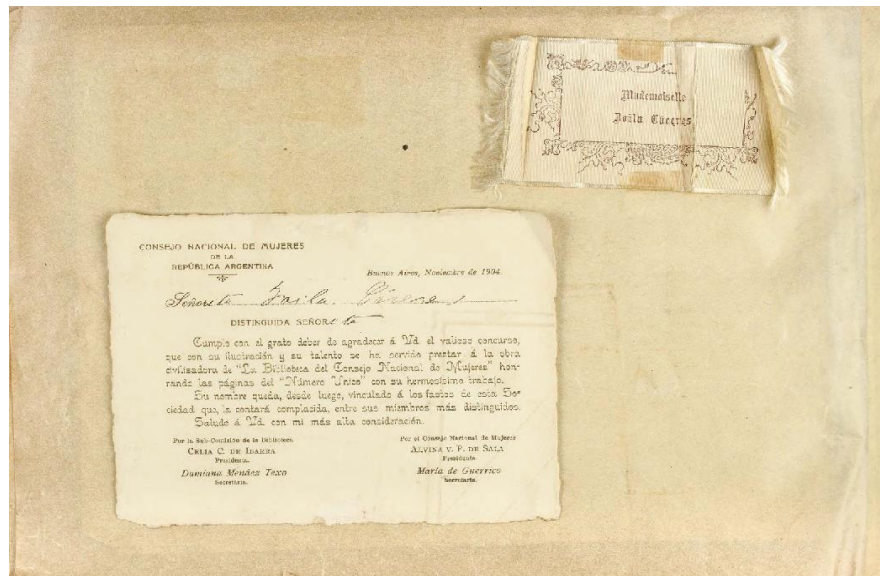
Tomando a construção das relações entre indivíduos com significado da ideia de rede de sociabilidade, proposta por Jean-François Sirinelli, podemos contextualizar a sua relevância política no papel dos intelectuais. O pesquisador apontou para a dificuldade de compreensão dessas relações, à medida que há uma multiplicidade das formas de manifestação que as redes adquiriram, como foi o caso dos salões literários, espaços de fortalecimento dos laços entre literatos. Partimos da premissa de que as estruturas dessas redes não devem ser subestimadas, já que, a partir delas, podemos, enquanto historiadores, analisar indícios do contexto em que estão inseridas. A hibridez do campo intelectual, entendido enquanto campo aberto, articula história política, social e cultural que tornam difusas as fronteiras dessa categoria de análise (Sirinelli, 2003).

A produção desses relatos de viagem em fins do século XIX dialogou com o romantismo e o costumbrismo. Enquanto gêneros artísticos, tais movimentos fizeram parte da história da literatura, da produção iconográfica e teatral espanhola, consagrando-se por descrever tipos sociais, apresentando o cotidiano e os embates nacionais que ocupavam a sociedade espanhola no século XIX (Ribeiro, 2012). Em meio à transição desses movimentos com a emergência dos “conceptos de modernidad, ciudadanía y género que fueron surgiendo, aunque de manera tímida, en revistas de corte femenino que, al igual que las otras, también tuvieron un gran desarrollo” (Díaz, 2000), essas literatas se depararam com novas formas de se expressar e dialogar com os seus pares. Se os quadros de costumes em periódicos tornaram-se comuns, também outras formas que constituem a cultura visual, como foi o caso da popularização do *álbum de amistad*. Este traz, entre suas características, semelhanças consideráveis com a literatura de viagem, já que se trata de um instrumento em trânsito, que acompanha essas mulheres viajantes. Isso posto, nos debruçamo-nos sobre a análise da produção do *álbum de amistad* por Aurora Cáceres<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> CÁCERES, Aurora. **Álbum personal**. Colección Andrés Avelino Cáceres. Pontificia Universidad Católica del Perú. Biblioteca Central Luis Jaime Cisneros. Archivos Históricos, 1890-1920.

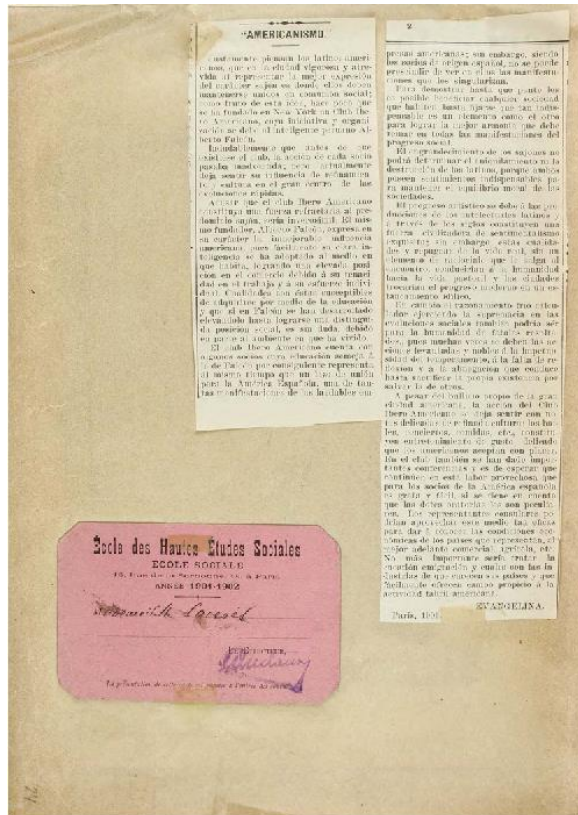
Imagem 1: Etiqueta em tela com o nome de “Zoila Cáceres”/Cartão de agradecimento do Consejo Nacional de Mujeres de Buenos Aires.



Fonte: Colección Andrés Avelino Cáceres. Pontificia Universidad Católica del Perú. Biblioteca Central Luis Jaime Cisneros. Colecciones Especiales. Archivos Históricos.

O *álbum de amistad* de Aurora Cáceres, produzido entre 1890 e 1920, durante as suas viagens e estadias mais longas no Peru e na Argentina, é composto de recortes de seus próprios artigos e rascunhos de suas produções, cartões de visita, solicitações de amizade de escritores, editores e educadores sul-americanos e europeus. A sua complexidade compositiva permite analisar as dinâmicas de gênero e as concepções de arte e literatura. Trata-se de um importante elemento para a compreensão da cultura visual e material de fins do século XIX e início do século XX. O uso do álbum de amizades aponta o impacto do pensamento ilustrado e da valorização positiva da educação e sociabilização da mulher, bem como por meio da consolidação de um público leitor feminino, que construiu uma comunidade feminina distinta das hierarquias familiares.

Imagem 2: Recorte do artigo “Americanismo”/Carteirinha de estudante da Universidade de Sorbonne, Paris.



Fonte: Colección Andrés Avelino Cáceres. Pontificia Universidad Católica del Perú. Biblioteca Central Luis Jaime Cisneros. Colecciones Especiales. Archivos Históricos.

No álbum de Aurora Cáceres, há colagens de *tiquetes* de trem e de barco, fotografias, postais, menus de restaurantes, programas de ópera e seus carnês enquanto estudante da Universidade Sorbonne, onde ela teve contato com o movimento feminista. Graduou-se na Escola de Altos Estudos Sociais da Sorbonne e, em 1912, tornou-se a primeira *hispanohablante* a dar uma conferência na universidade (Miseres, 2018, p. 11). De acordo com Vanesa Miseres, o *álbum de amistad* entrelaça a escrita com a articulação da sociabilidade, que permitiu o cruzamento de sujeitos, discursos e tradições. Os recursos característicos da dita modernidade foram utilizados por meio dos recortes impressos e fotografias.

Outra fonte a ser analisada é o discurso proferido por Clorinda Matto de Turner, em 1895, no Ateneo de Buenos Aires, chamado *Las obreras del pensamiento de la América del Sur*, e publicado em 1896 no periódico *Búcaro Americano*. Sua apresentação marca a entrada das mulheres nesse Ateneo e a primeira fala proferida por alguém do gênero

feminino. O ateneu foi um espaço em que homens e mulheres se encontravam com o objetivo de transmitir conhecimentos. Com maiores limitações às mulheres do que os salões, eram, ainda assim, espaços de atuação para elas, uma vez que conviviam no mesmo grupo frequentado por homens, reconhecendo-se como parte dele. Tratou-se de um espaço intelectualizado de produção de saberes (Sirinelli, 2003). O discurso de Matto de Turner referiu-se à importância do trabalho das literatas e intelectuais na América do Sul, na qualidade de produtoras de conhecimentos e saberes, e a partir da consideração desses produtores de conhecimento, poder-se-ia ter um progresso dos nascentes Estados-nação.

Es que la mujer toma posesión de sus derechos.

Es la sociedad que se perfecciona.

Es la humanidad que se completa.

Concentremos nuestra mirada hacia las repúblicas del sur y centro de América: son las que más cerca interesan a nuestra raza y a nuestro idioma. Para ocuparnos, de una vez, del estado de la ilustración de la mujer americana, la buscaremos en aquellas que, porta-estandartes de la legión empeñada en la gran evolución social, han desafiado, desde la ira alta, hasta el ridículo bajo, para ir siempre adelante con la enseña civilizadora

(Matto de Turner, 1896, p. 4).

De acordo com Matto de Turner, a sociedade se aperfeiçoa a partir do momento em que as mulheres apropriam-se dos seus próprios direitos e dedicam-se à Ilustração, em vista de uma “evolução social”, propondo-se a serem condutoras desse processo civilizatório.

Portanto, levam-se em consideração para a compreensão da configuração das sociabilidades não só as conexões estabelecidas entre os indivíduos que se realizam fora dos binarismos e das fronteiras nacionais, mas também o uso de fatos e artefatos produzidos nos contextos histórico-culturais. O não entendimento de que as conexões ultrapassam fronteiras estabelecidas e binarismos, ganhando complexidade diante de seu espaço-tempo e atores sociais, acabou por encaminhar os estudos sobre a produção das mulheres para um sentido reducionista. De acordo com Marie-Linda Kuntscher, o cânone exclui as mulheres da função de criadoras ao confiná-las às práticas domésticas, como meras reprodutoras da estrutura social que as cerceia (Kuntscher, 2012, p. 189). Nesse sentido, o papel ativo das mulheres enquanto criadoras, ao se dedicarem à imprensa, é um rompimento que necessitou de um jogo complexo de negociações, em que a retórica da autonegação foi profundamente utilizada, de acordo com a historiadora Stella Maris Scatena Franco (2018).

A inserção social dessas mulheres se deu a partir do uso recorrente de “pedidos de licença” a seus pares intelectuais do gênero masculino para que pudessem se pronunciar em razão de uma “fragilidade” dos seus conhecimentos, da presumida ausência de saberes em uma articulação condescendente em que a inferiorização se desenhou a título de um exercício de retórica. Ao refletirmos sobre esse esforço de negociação, lançamos olhar sobre a reflexão de Pierre Bourdieu:

Podemos compreender essas trocas como alianças, portanto dentro da lógica das relações de força, como, por exemplo, maneiras de fortalecer uma posição dominada, ameaçada. Ao lado das afinidades eletivas entre “criadores” pelas quais, como estão percebendo, tenho uma certa indulgência, existem os clubes de admiração mútua, que me parecem menos legítimos porque exercem um poder de tipo temporal na ordem cultural ou, pode-se dizer, espiritual (Bourdieu, 2002, p. 1).

Nesse sentido, podemos aventar que os recursos de negociação são uma das formas de fortalecer essa posição, que se materializam em torno dos salões literários, e as poucas mulheres eleitas a frequentá-los, aquelas consideradas excepcionais e, assim, portadoras de certa autonomia para se comportarem tal qual “criadoras”. Diante da reflexão trazida por Bourdieu e da perspectiva discutida por Sirinelli, temos a compreensão de que a configuração de redes de sociabilidade parte de um delicado equilíbrio de negociação, em que aquele que ocupa o espaço como dominante controla a autonomia e a falsa percepção de independência. Isso posto, se as trajetórias dessas mulheres abordadas nesta pesquisa apresentam certa autonomia, permitindo que sejam compreendidas enquanto “criadoras”, parte-se do entendimento de que houve uma concessão, uma perspectiva condescendente que se esforçou em reafirmar o *status quo*, alçando-as à categoria de excepcionalidade.

Tal autonomia caminha em uma situação delicada entre ser conquistada e concedida por distintos agentes, pontuando certa indulgência daqueles “*hombres de letras*” que reconhecem certo valor nas produções intelectuais das mulheres ilustradas. Dentre esses homens, se destaca o papel do peruano Ricardo Palma, que troca correspondências com distintas escritoras como Soledad Acosta de Samper, Juana Manuela Gorriti, Clorinda Matto de Turner, Eduarda Mansilla, entre outras. A relação estabelecida com Matto de Turner é próxima e familiar, chegando a referenciar-lhe como “mãe”, e a auxiliar em sua recuperação financeira após a sua viuvez, sendo responsável pela venda de parte de suas obras (Batticuore, 2018).

Colocando-se enquanto “criadora”, a escritora peruana Clorinda Matto de Turner destacou-se na qualidade de primeira mulher convidada a dar uma conferência no *Ateneo de Buenos Aires*, em que também teve a oportunidade de proferir o discurso “*Las obreras del pensamiento de la América del Sur*”, no dia em que oficializaram a aceitação das mulheres na instituição. Proferido em 14 de dezembro de 1895, o discurso inferioriza a sua trajetória e valoriza a bondade daqueles que a permitem falar:

La bondad, que da alientos tan gratos como aroma los juncos de la pampa, y no el merecimiento científico o literario, me franquea los escalones de esta tribuna, desde donde se han desarrollado temas ilustrativos para la humanidad y de vital interés para el adelanto intelectual argentino

Invitada por el muy digno presidente del Ateneo, señor Carlos Vega Belgrano para dar una conferencia pública, no podía responder a tan honrosa distinción de otra manera que, aceptándola con la expresión de una voluntad diligente.

Nada nuevo traigo.

Mujer, e interesada en todo lo que atañe a mi sexo, he de consagrarle el contingente de mis esfuerzos que, seguramente, en el rol de la ilustración que la mujer ha alcanzado en los postrimeros días del siglo llamado admirable, será un grano de incienso depositado en el fuego sacro que impulsa el carro del progreso, y, aunque éste no producirá la columna de luz que se levanta en los Estados Unidos del Norte, pretendiendo abarcar la América, él dará, siquiera, la blanquecina espiral que perfuma el santuario (Matto de Turner, 1896: 2016, p. 169).

O crescimento do periódico *Búcaro Americano*, por ela dirigido, alicerçou as condições para a realização daquele convite. Essa publicação é crucial a fim de compreender a situação das escritoras latino-americanas em fins do século XIX (Zanetti, 1994). Tal compreensão não transparece no início de seu discurso, em que a escritora descreve como progresso na América do Sul está relacionado com a ilustração da mulher latino-americana, pontuando-a na qualidade de personagem de vital importância na evolução social. Em tempo, a autora refere-se às intelectuais tal qual “*obreras del pensamiento*” e heroínas.

[...] sirva de recuerdo agradecido para las obreras del pensamiento en América del Sur; verdaderas heroínas, repito, que no sólo tienen que luchar contra la calumnia, la rivalidad, el indiferentismo y toda clase de dificultades para obtener elementos de instrucción, sino hasta correr el peligro de quedarse para tías, porque, si algunos hombres de talento procuran acercarse a la mujer ilustrada, los tontos le tienen miedo (Matto de Turner, 1896: 2016, p. 179).

Matto de Turner argumenta que os obstáculos enfrentados por essas “operárias” são as disputas que dificultam o acesso às ferramentas que vão permitir a sua instrução,

independentemente do tipo de educação que lhes seja possível, de acordo com sua classe social. Por outro lado, outro elemento que as “ameaça” é o perigo de ser rejeitada pelos homens e não poder realizar o dever de ser mulher, já que, diante da mulher ilustrada, “*los tontos le tienen miedo*”.

Seriam essas mulheres destemidas e fortes, não se deixando abalar pelas acusações nem pelas críticas. De acordo com Matto de Turner, o caminho para o progresso não só da Argentina, mas de toda a América Latina, é o acesso das meninas ao ensino formal. Por outro lado, é importante cautela ao analisarmos a trajetória dessas mulheres para não encará-las como mulheres excepcionais. De acordo com Michelle Perrot, “a noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem” (Perrot, 1995, p. 13).

A crítica realizada coloca como a noção de excepcionalidade foi atribuída à trajetória das mulheres na vida pública, que, por vezes, as relegou ao silêncio. Perrot criticou a deficiência de registros privados, onde a memória das mulheres está ausente na historiografia. O silêncio dos arquivos emergiu de acordo com um domínio sagrado, transgredido pela leitura e escrita empreendida por essas mulheres (Perrot, 1989, p. 12). Em diálogo, Roger Chartier examina o exemplo da escrita feminina, entre os séculos XVII e XIX, e elenca alguns elementos que considera característicos dessa escrita: a não identificação de autoria e o diálogo com um público restrito, entendido como cúmplice. Enveredando pelo campo da dominação simbólica, com o qual Chartier trabalha, é importante compreender a reiteração das normas pelas mulheres, pensando os objetos de estudo a serem analisados, construídos em meio a um emaranhado de relações, em que práticas e discursos se intercambiam. Assim, “longe de afastar do ‘real’ e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros” (Chartier, 1995, p. 41).

Nesse sentido, Matto de Turner, considerada uma das mentoras de Aurora Cáceres, mapeou a rede de sociabilidade de literatas latino-americanas por meio da literatura de viagem com sua obra *Viaje de Recreo*, dos seus discursos no *Ateneo de Buenos Aires* e nas produções para o periódico *Búcaro Americano*, em que se sobressai a sua defesa da educação e da profissionalização das mulheres.

Para ocuparnos, de una vez, del estado de la ilustración de la mujer americana, la buscaremos en aquellas que, porta-estandartes de la legión empeñada en la gran evolución social, han desafiado, desde la ira alta, hasta el ridículo bajo, para ir siempre adelante con la enseña civilizadora. Me refiero a las mujeres que escriben, verdaderas heroínas que, con el valor de Policarpa Salavarrieta, aceptando la muerte antes que delatar los secretos de su patria y con la convicción de los mártires en la verdad de la obra, luchan, día a día, hora tras hora, para producir el libro, el folleto, el periódico, encarnados en el ideal del progreso femenino (Matto de Turner, 1896, p. 10).

Ao se referir às dificuldades do desenvolvimento de seus trabalhos em um meio intelectual, que as excluía por serem do *"bello sexo"*, nota-se não só no discurso de Matto de Turner, mas no de Cáceres e Serrano, o entendimento da inserção social das mulheres de letras como um instrumento de modernização, rumo ao progresso entendido dentro de uma chave civilizatória. Mais do que isso, há uma valorização de si, constituindo-as como heroínas ao desbravarem mundos que não lhe seriam próprios. Ao que Bourdieu pontua

Sem dúvida, temos o direito de supor que a narrativa autobiográfica sempre é inspirada, ao menos em parte, pela preocupação de dar sentido, de dar razão, de identificar uma lógica por vezes retrospectiva, por vezes prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo-se relações inteligíveis, como aquelas dos efeitos das causas eficientes ou finais, entre os estados sucessivos, constituídos como estágios de um desenvolvimento necessário (Bourdieu, 1998, p. 3).

Em um esforço de dar sentido, em estabelecer uma lógica sobre o que está a ser apresentado, vale-se da perspectiva de conceder a si mesma valor, uma trajetória de excepcionalidade. Justifica-se o seu próprio lugar no mundo, a sua possibilidade de ocupar a esfera pública apesar de sua condição de *"bello sexo"*. Diante do exposto, o *álbum de amistad* de Aurora Cáceres, mais do que apresentar os encontros com outros intelectuais e literatos, apresenta, por meio de seus recortes e colagens, um perfil de personagem:

Essa tendência de se tornar ideólogo da própria vida, selecionando em função de sua intenção global, certos acontecimentos como causas ou, mais comumente, como fins, encontra a cumplicidade natural da biografia, que por suas disposições de profissional da interpretação tende a aceitar essa criação artificial de sentido (Bourdieu, 1998, p. 3).

Tal criação de sentido, por outro lado, apenas se materializa a partir da identificação



dos pares com essa apresentação de sua vida, dessa constituição de personagem.

## Considerações Finais

O presente artigo trata-se dos resultados preliminares de uma pesquisa de doutoramento, que perscruta as trajetórias de determinadas literatas latino-americanas, entre elas, as peruanas Aurora Zoila Cáceres e Clorinda Matto de Turner, em fins do século XIX e começo do século XX, pensando a emergência do movimento feminista.

As relações estabelecidas entre as autoras citadas e outras mulheres literatas e intelectuais nos permitem refletir sobre a capacidade de organização dessas mulheres, bem como a de construção de redes de sociabilidade intelectuais femininas, em que essas personagens prescindem de uma chancela masculina. Porém, vale a ressalva de que a articulação de suas produções intelectuais e literárias ressoavam em espaços tidos como masculinos, ateneus e salões literários, a partir da negociação dessas presenças.

Ao se referir às dificuldades do desenvolvimento de seus trabalhos em um meio intelectual, que as excluíram por serem do *"bello sexo"*, nota-se nos escritos de Clorinda Matto de Turner e de Zoila Aurora Cáceres o entendimento da inserção social das mulheres de letras como um instrumento de modernização, rumo ao progresso entendido dentro de uma chave civilizatória.

Os exemplos de Cáceres e Matto de Turner permitem a reflexão sobre o estabelecimento de redes de sociabilidade intelectuais femininas, em um contexto de efervescência cultural durante o seu exílio em Buenos Aires e a emergência do movimento feminista, do qual ambas foram defensoras.

## Bibliografia

### Fontes

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá: Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893.

CÁCERES, Aurora. **Álbum personal**. Colección Andrés Avelino Cáceres. Pontificia Universidad Católica del Perú. Biblioteca Central Luis Jaime Cisneros. Archivos Históricos. 1890-1920.

MATTO DE TURNER, Clorinda. Las obreras del pensamiento en la América del Sur. *Búcaro Americano. el periódico de las familias*, v. 1, n. 1, pp. 5-14, fev. 1896.

## Referências

ALVARADO, Lourdes. La prensa como alternativa educativa para las mujeres de principios del siglo XIX. In: AIZPURU, Pilar Gonzalbo (org.). *Familia y educación en Iberoamérica*. El Colegio de Mexico, pp. 267-284, 1999.

BATTICUORE, Graciela. *La vida en las cartas: Ricardo Palma entre escritoras*. *Revista Landa*, v. 6, n. 2, pp. 253-274, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, p. 183-191, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *As condições sociais da circulação internacional das ideias*. Enfoques, vol. 1, n.1, p IV-XV, 2002.

CARNEIRO, Thaís Mendes Moura. *Soledad Acosta de Samper entre mundos: relatos de uma colombiana em Viaje a Espanha (1892)*. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI 10.11606/D.8.2021.tde-25052022-173908. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25052022-173908/pt-br.php>. Acesso em: 09 fev. 2024.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica: nota crítica. *Cadernos Pagu*, pp. 37-47, 1995.

DIAZ, Ana Ivonne. El álbum de la mujer. Periodismo femenino: El primera paso hacia la modernidad y la ciudadanía. *Revista Desacatos*, n. 3, pp. 107-114 , 2000.

FERREIRA, Stella Gontijo; RIBEIRO, Cristiane. Mulheres intelectuais em trânsito na América Latina nos séculos XIX e XX: Maria Concepcion Gimeno Flaquer e Margaret Randall. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, São Paulo, n. 31, p. 223–256, ago./dez. 2021.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 143-179, 1990.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 7-31, 2019.

KUNTSCHER, Marie-Linda Ortega. Criadoras / creadoras en el siglo XIX: en, con, por, sin, para, contra el canon. In: *CONGRESO INTERNACIONAL "MUJERES, DISCURSO Y PODER EN EL SIGLO XIX"*, n. 1, nov. 2012, Cádiz, España. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, pp. 189-201, 2014.

MISERES, Vanesa. Solicitudes de amistad: el uso del álbum como red de sociabilidad y práctica de escritura femeninas. *Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies*, Project MUSE, Tucson, v. 22, 2018, p. 9-27,

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relatos de uma experiência. *Campinas: Cadernos Pagu*, n. 4, p. 9-28, 1995.

PERROT, Michelle. Práticas de Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

RIBEIRO, Edméia. *Costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em Las Mujeres Españolas, Portuguesas y Americanas: textos e política nos anos 1870*. Londrina: Eduel, 2012.

RODRÍGUEZ PEQUEÑO, Mercedes. Espacios y discursos de sociabilidad como expresión ideológica y estatus social de la mujer. Salones, ateneos y prensa periódica. In: MORALES SÁNCHEZ, Maria Isabel; CANTOS CASENAVE, Marieta; ESPIGADO TOCINO, Gloria (eds.). *Resistir o derribar los muros*. Mujeres, discurso y poder en el siglo XIX. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, pp. 287-300, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 234-241, 2003.

TEDESCO, Alexandra Dias Ferraz. Entre França e Alemanha. Os estilos de vida da elite letrada de Buenos Aires na primeira metade do século XX. *Revista de História*, São Paulo, n. 179, p. 01-33, 2020. DOI: [10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.154496](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.154496). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/154496>. Acesso em: 23 abr. 2024.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZANETTI, Susana. Búcaro Americano: Clorinda Matto de Turner en la escena femenina porteña.. In: *Fletcher*, Lea (ed.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria, p. 264-275, 1994.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.